UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

***SUBJETIVIDADE E IMAGEM:
A LITERATURA COMO HORIZONTE DA
FILOSOFIA EM HENRI BERGSON***

Rita Paiva

Tese apresentada ao Departamento de
Filosofia da Universidade de São Paulo,
como parte dos requisitos para a obtenção
do título de Doutor em Filosofia, sob a
orientação do Prof. Dr. Franklin Leopoldo e
Silva

São Paulo
2002

Pelos dias vividos, pelos dias sonhados.....

Ao Mauro

AGRADECIMENTOS

Esta inserção no pensamento de Henri Bergson constituiu, antes de tudo, uma aventura inesquecível. A formação acadêmica, desde os tempos da graduação, estimulou o meu fascínio pelo exercício de se perder e se encontrar nos labirintos de um pensamento complexo. Nesse sentido, a filosofia bergsoniana desvendou-me becos, ruelas e esquinas nos quais vislumbrei aquilo que unicamente o conhecer efetivo pode proporcionar, ou seja, não o debruçar-se sobre o que convém conhecer, legitimando o saber que já possuímos, mas o separar-se de si nos descaminhos em que nos perdemos de nós mesmos e ousamos pensar diferente do que comumente pensamos. Premissa fundamental para perseverar no ato de refletir, como sustentara alhures Michel Foucault.

No entanto, possuir esse tipo de curiosidade e inebriar-se com a alegria dela decorrente são experiências para as quais eu jamais despertaria se certos flancos não tivessem sido anteriormente abertos. Explicita-se, assim, a imensa relevância do aprendizado com os professores dos departamentos de sociologia e de filosofia da FFLCH-USP. Entre eles, sou grata às professoras Maria Célia Paoli, Heloísa Fernandes e Irene Cardoso. Destaco, particularmente, o professor José Carlos Bruni, que sempre me contagiou com seu espírito jovial, com sua inexaurível perplexidade intelectual e a quem devo, definitivamente, o meu encontro com a filosofia.

Quanto ao professor Franklin Leopoldo e Silva, devo as interrogações suscitadas pela frequência dos cursos por ele ministrados, os quais me propiciaram inquietações fundamentais e um inestimável enriquecimento intelectual. A ele agradeço a leitura paciente da minha tese e as sugestões que orientaram o meu trabalho.

Finalmente, agradeço ao CNPQ, instituição da qual fui bolsista durante o doutoramento. Condição absolutamente imprescindível para que esta aventura se consumasse.

SINOPSE

A tese que ora apresentamos toma o pensamento de Henri Bergson como objeto de reflexão. Ao mesmo tempo que situa o homem como tema central nesse universo teórico, pretende perscrutar a natureza da subjetividade que nele se delineia. Acompanha, assim, a crítica bergsoniana à psicologia, cujo intento de subsumir o humano à matéria condena ao fracasso sua pretensão de conhecê-lo. A superação da visão associacionista, tal como Bergson a desenha, evidenciará a natureza de uma subjetividade outra, obscurecida pelas instâncias mais superficiais, nas quais se configura a consciência que julgamos conhecer. O alcance dessa dimensão mais profunda do Eu impõe a inspeção acerca da inteligência racional, orientada por uma temporalidade fictícia e pela linguagem, de modo que se esclareça a distância entre a superficialidade da consciência e a subjetividade livre e indômita, cuja natureza, aliás, é a do tempo, ou seja, a duração criadora que nos ultrapassa e nos vincula ao ser em geral.

Ante os obstáculos apresentados pela consciência na persecução de nossa interioridade movente, recursos outros que não os conceituais, pertinentes ao pensamento analítico e científico, passam a figurar como alternativa para o conhecimento da interioridade humana, quais sejam, as imagens que se originam justamente nas regiões mais recônditas do Eu. Atribuir às imagens a potencialidade de nos conduzir ao ser, leva-nos ao equacionamento do lugar a elas conferido pela tradição - cópia/coisa, simulacro, erro, alteridade do ser. Pretendemos, pois, interrogar se Bergson logra ou não um rompimento com o pensamento tradicional, visto que as imagens procedentes da memória pura e do esforço imaginante passam a ser consideradas meios privilegiados que nos conectam ao ser. Nessa senda, tematizaremos a ambigüidade que a imagem assume na obra bergsoniana, uma vez que ora se coaduna à realidade da coisa, ora nos revela o ser temporal e criador que nos habita.

Posto que o conhecimento do tempo em seu movimento criador se dá pela intuição, e que os recursos da inteligência não logram a sua tradução ou comunicação, as imagens resultantes do esforço criador, as imagens prevaletentes na arte, cuja natureza se aproxima da duração, revelar-se-ão como o caminho da expressão daquilo que o conhecimento intuitivo nos revela. Particularmente as imagens literárias, decorrentes de uma linguagem que se volta contra si mesma, tornam-se a referência privilegiada para a expressão filosófica do ser e para o alcance da interioridade criadora que nos constitui.

ABSTRACT

Our present thesis takes Henri Bergson's thought as its object of reflection. Focusing on mankind as its central subject in that theoretical universe, it intends to search the nature of the subjectivity sketched in it. It thus follows Bergsonian criticism of psychology, whose intent to subsume human realm into matter condemns its purpose of knowing it to failure. The overcoming of the associationist view, the way Bergson portrays it, will attest the nature of a different subjectivity, blurred by instances most superficial, in which the consciousness we believe to know is delineated. The reach of this more profound dimension of the self imposes the inspection concerning rational intelligence, guided by a fictitious temporality and by language, so that we clarify the distance between consciousness' superficiality and free untamed subjectivity whose nature is that of time, that is, the creative duration which surpasses us and entails us to Being in general.

Before the obstacles introduced by consciousness in pursuit of our moving interiority, resources other than conceptual, relevant to analytic and scientific thought come as an alternative for the knowledge of human interiority, which are the images originated precisely in the most hidden regions of the Self. To attribute images the potentiality of guiding us to Being leads us to the questioning of the place given to them by tradition – copy/thing, simulacrum, mistake, alterity of Being. We intend thus to question whether Bergson succeeds or not at breaking with traditional thinking, inasmuch as the images coming from pure memory and from the imagining effort come to be considered the privileged means that connect us to Being. In this way, we will discuss the ambiguity that images take on in Bergsonian work, since it now combines with the reality of the thing, now reveals us the temporal and creative being which inhabits us.

Since knowledge of time in its creative action is given by intuition, and that intelligence's resources do not provide its translation or communication, the resulting images of the creative effort, those images prevailing in art, whose nature approaches duration, will reveal themselves as the way to the expression of that which intuitive knowledge reveals us. Literary images particularly, which come from a language that goes against itself, become the reference for the philosophical expression of Being and for reaching the creative interiority that constitutes us.

SUMÁRIO

Dedicatória.....	I
Sinopse.....	II
Abstract.....	III
Agradecimentos.....	IV
Considerações Introdutórias.....	01
1- O ser movente e a duração como o esteio criador da subjetividade.....	01
2- O homem como centro do bergsonismo.....	20
I. A perda de si : O Eu e seu duplo.....	21
1 - A subjetividade mensurada, reificada.....	21
2 – A heterogeneidade interna: a multiplicidade qualitativa.....	32
3 - O tempo homogêneo e a linguagem como estratégias da consciência.....	43
4 - O Eu indômito e a liberdade além do simulacro.....	67
Excurso - A imagem, a imaginação, a filosofia.....	93
1 – O lugar da imaginação e da imagem na metafísica clássica.....	93
2 – Descartes: o desvio, o erro, a ilusão.....	96
3 – Leibniz: o simulacro.....	103
4 – Hume: o mundo das imagens.....	109
5 – Husserl: um novo olhar sobre a imagem?.....	117
II. Imagens atuais e imagens virtuais.....	134
1 – Imagens em movimento: da presença pura à subjetividade material.....	134
2 – Do atual ao aporte virtual das imagens.....	159
3 - O inconsciente: do avanço do passado sobre o presente.....	165
4 – Proximidade e distância entre lembrança e percepção.....	177
5 – Entre o sonho e a ação: a memória involuntária.....	182
III. Imagens-lembranças e subjetividade genuína: Existe uma teoria original das imagens em Bergson?	192
1 - Idéia e imagem como metáforas do pensamento.....	192
2 – Planos de consciência e imagens-lembranças.....	200
3 –O desvelar da subjetividade nas imagens de sonho e devaneio.....	220
4 – Imagem e criação: a crítica sartriana.....	238
IV. O caminho filosófico para o retorno ao Eu profundo.....	262
1- A inteligência como obra e como ruptura com a vida.....	262
2- A dissonância da linguagem conceitual ante o tempo: o equívoco da filosofia.....	282
3- A conversão da atenção ao espírito e a intuição como método filosófico.....	301
4- O sacrifício da intuição na expressão e o empirismo radical de Bergson.....	313
5- Do absurdo à alegria: o exorcismo do nada.....	321

V. A expressão da interioridade nas imagens criadoras.....	342
1 – A dança das imagens contra os conceitos.....	342
2 – A emoção criadora na arte e no tempo.....	348
3 – Imagem como criação e expressão.....	359
4 – O mundo humano como corolário da linguagem.....	372
5 – A expressão do Eu e da interioridade em geral nas metáforas moventes.....	385
6 - A descrição do esforço imaginante na literatura e na filosofia.....	400
 VI. A literatura como horizonte da filosofia bergsoniana.....	 412
1 - A obra de arte e a imaginação dilatada.....	412
2 - Filosofia e literatura: o intercuro dialogal.....	424
3 - A literatura como o obscuro desejo da filosofia em Bergson.....	430
 A Título de Conclusão.....	 450
 Bibliografia.....	 455
1. Obras de Bergson.....	455
2. Bibliografia geral.....	456